

Jornalista formado pela UMC, Ewerthon Tobace desenvolve carreira no Japão

Journalist Graduated from UMC, Ewerthon Tobace Develops Career in Japan

Entrevistado por Sérsi Bardari
Universidade de Mogi das Cruzes

Resumo: Há mais de 16 anos, o jornalista formado pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) Ewerthon Tobace trabalha diretamente para publicações em Português, voltadas para a comunidade brasileira no Japão. Entre as empresas nas quais atuou e ainda atua encontram-se a International Press, a Revista Alternativa, NHK World Rádio Japão. Além disso, colabora para diversos órgãos de comunicação, tais como BBC Brasil, G1, e para as revistas Capricho, Cláudia, Viagem e Turismo, Veja, Status, Made in Japan, Quatro Rodas, entre outras. Em 2009, escreveu seu primeiro livro, que conta a História da imprensa brasileira no Japão, após ter sido selecionado entre 461 candidatos para o projeto Folha Memória, da Folha de S. Paulo. Em entrevista concedida a Revista Científica UMC, Ewerthon Tobace fala sobre sua carreira e sobre o Jornalismo atual.

Palavras-chave: Ewerthon Tobace; Jornalismo UMC; Imprensa Brasileira no Japão.

Abstract: For more than 16 years, the journalist graduated from Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) Ewerthon Tobace works directly for publications in Portuguese, aimed at the Brazilian community in Japan. Among the companies in which he acted and still works are International Alternativa Magazine and NHK World Radio Japan. He also collaborates with several media outlets, such as BBC Brasil, G1, and the magazines Capricho, Cláudia, Viagem e Turismo, Veja, Status, Made in Japan, Quatro Rodas, among others. In 2009, he wrote his first book, which tells the history of the Brazilian press in Japan, after being selected among 461 candidates for the Folha Memória project, of the Folha de S. Paulo newspaper. In an interview given to Revista Científica UMC, Ewerthon Tobace talks about his career and current Journalism.

Keywords: Ewerthon Tobace; UMC Journalism; Brazilian Press in Japan.

Introdução

Jornalista, paulista, amante de boa comida, de gatos, de teatro, de livros e de tudo de bom que a vida oferece.

Ewerthon Tobace nasceu em Monte Alto, no estado de São Paulo. A cidade tem pouco menos de 50 mil habitantes, mas é famosa pela padroeira Santa Izildinha, pelas fábricas de goiabada e pelo Museu de Paleontologia, um dos mais importantes voltados para a conservação e exposição de fósseis do Brasil.

Ewerthon morou também em Ibitinga, a capital nacional do bordado; em Taubaté, a cidade de Monteiro Lobato; em Mogi das Cruzes, onde estudou

Jornalismo; em Suzano, onde começou carreira como jornalista, e em Curitiba, a capital paranaense. Atualmente, vive no Japão desde 2001.

Assim como o avô, que um dia resolveu enfrentar o desconhecido e chegou ao Brasil sem falar o Português e aqui criou filhos e netos, Ewerthon, no caminho inverso, foi para o outro lado do mundo e, dia a pós dia, passou a descobrir os fascínios da “terra do sol nascente”.

Há mais de 16 anos, o jornalista formado pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) trabalha diretamente para publicações em Português, voltadas para a comunidade brasileira no Japão. Entre as empresas nas quais atuou e ainda atua encontram-se a International Press, a Revista Alternativa, NHK World Rádio Japão. Além disso, colabora para diversos órgãos de comunicação, tais como BBC Brasil, G1, e para as revistas Capricho, Cláudia, Viagem e Turismo, Veja, Status, Made in Japan, Quatro Rodas, entre outras. Em 2009, escreveu seu primeiro livro, que conta a História da imprensa brasileira no Japão, após ter sido selecionado, entre 461 candidatos, para o projeto Folha Memória, da Folha de S. Paulo.

Em entrevista concedida à Revista Científica UMC, Ewerthon Tobace fala sobre sua carreira e sobre o Jornalismo atual.



Ewerthon Tobace (à direita) entrevista chefe de cozinha no Japão

Entrevista

RC_UMC: Ewerthon, sabe-se que os imigrantes japoneses, quando chegaram ao Brasil, depararam-se com uma sociedade conservadora, muito pouco disposta a facilitar a vida dos novos colonos. Ao contrário, parecia mesmo querer dificultar a adaptação dos recém-chegados. Você sente carregar na alma, algum peso dessa História? De que modo o fato de você ser neto de japoneses determinou o processo de construção da sua subjetividade?

Ewerthon: Acho que, de forma geral, aprendemos a ser mais fortes, a encarar as situações complicadas de forma mais maleável. É muito comum ouvirmos nas ruas as pessoas nos “insultar” com palavras que remetem a nossa origem: “japonês”, “arigatô”, “sayonará”, “Jaspion”, e por aí vai. Mas isso nunca me afetou porque aprendi desde cedo com minha mãe que, quando alguém quer nos agredir, ela está tentando nos tirar a paz, que nos pertence. Cabe então a nós decidir se queremos abrir mão dessa paz ou não. Geralmente, eu respiro fundo e deixo a pessoa falando sozinha, o que me rotulou entre amigos como pessoa “tranquila”, “sangue de barata”. No fundo, esse autocontrole me ajudou muito no processo de autoconhecimento e de aceitação de que somos limitados. Não temos como abraçar o mundo e fazer tudo o que queremos. Mas, voltando à questão do processo histórico, um grande problema que acontece não somente no Brasil, mas em todos os países latinos que receberam imigrantes japoneses, é a imagem distorcida do povo japonês e que se mantém até os dias atuais. Um exemplo: todo mundo diz que japonês é inteligente, honesto e trabalhador. Nós, descendentes de japoneses, sentimos essa pressão da sociedade. Mas essa visão não é verdadeira. Principalmente depois de viver tantos anos no Japão, entendi que a principal virtude da grande maioria dos japoneses é a organização. É a partir dela que se desencadeiam as outras qualidades. No meu caso, minha ascendência japonesa me fez ser perfeccionista e determinado. Não desisto fácil de um projeto e tento sempre buscar fazer o melhor. Isso porque, se for para fazer de qualquer jeito, nem me comprometo a fazer. Esse é o grande problema hoje em dia. Muitas pessoas não se envolvem por completo com o trabalho que se dispuseram a fazer e / ou fazem-no de qualquer jeito, na esperança de que alguém vá arrumar / revisar / consertar / melhorar.

Você nasceu em Monte Alto, morou em Ibitinga, em Taubaté, em Mogi das Cruzes, em Suzano, em Curitiba e hoje vive em Tóquio. O professor e crítico literário Antônio Cândido, um dos maiores intelectuais brasileiros, falecido neste ano de 2017, dizia ter muita sorte e uma felicidade na vida por ter sido homem de muitas cidades. Declarou ainda que tinha pena das pessoas de uma cidade só. Você se identifica de alguma maneira com esse tipo de sentimento? Por quais razões você se mudou de cidade várias vezes? Fale-nos um pouco sobre essas andanças. Como elas determinaram quem você é hoje?

Eu me identifico bastante com esse sentimento. Aqui no Japão mesmo eu morei em três cidades diferentes. Mudei bastante porque meu pai, agricultor, era um aventureiro e sempre buscava novos tipos de plantações para investir. A minha infância e adolescência foram basicamente em Ibitinga e Taubaté. Depois, fui para Mogi das Cruzes para cursar faculdade de Jornalismo na UMC. Morei em Suzano por causa do meu emprego em um jornal diário da cidade. Nessa época, nutri uma vontade grande de morar em Curitiba, onde eu havia passado férias e me encantei com o lugar. Prestei concurso para um dos grandes diários do estado do Paraná, o jornal Gazeta do Povo – que parou de publicar a versão impressa recentemente – e fui contratado. Depois, vim trabalhar no Japão em um jornal voltado para a comunidade brasileira que vive no país. Tive também a oportunidade de fazer intercâmbio no Canadá e nos Estados Unidos. Todas essas andanças me fizeram ampliar a visão de mundo. E, apesar de estar baseado em Tóquio, viajo bastante a trabalho para outros países asiáticos e também para outros continentes. Posso dizer que virei um cidadão do mundo e, hoje, não me sinto preso a um só lugar. Penso igual ao escritor David Sedaris, quando ele diz: “Por vezes a vida pode ficar difícil, mas eu aguentaria firme, porque viver num país estrangeiro é uma dessas coisas que todos deveriam fazer, pelo menos uma vez na vida. Eu acredito que essa experiência completa a pessoa, a molda e a transforma num cidadão do mundo”. Mas antes que alguém interprete minhas palavras de forma equivocada, não me considero acima de ninguém por ter tido a oportunidade de vivenciar experiências em países e cidades diferentes. É algo que sempre vou incentivar e apoiar. A mudança, em todos os sentidos da palavra, é sempre difícil e nos tira da tranquilidade e comodidade, mas por outro lado nos faz crescer.

Quando você percebeu que tinha vocação para ser jornalista? Como se deu interiormente a escolha por essa carreira profissional? Sua família concordou de imediato?

Eu sempre gostei de ler. Desde muito pequeno, bem antes de entrar na escola, eu já pegava as revistinhas em quadrinhos e, com ajuda de minha irmã mais velha, fui aprendendo o processo da leitura. Ainda no primário, lembro de ter lido a coleção completa de Monteiro Lobato. Os livros fizeram parte da minha infância e, quando adolescente, as palavras passaram a ser meu principal instrumento de comunicação. Escrevia cartas para os amigos, mesmo àqueles que faziam parte do meu cotidiano. Tinha uma máquina de escrever e ficava ali datilografando textos quase que diariamente. Tinha um fascínio por contar histórias. Naquela época, não era fácil o acesso à internet, mas mesmo assim buscava informações sobre concursos de redação, de contos e de crônicas para participar. Confesso que, ao mesmo tempo, nutria uma vontade grande de estudar esportes, uma paixão até hoje. Pratiquei um pouco de tudo – vôlei, handball, atletismo, xadrez –, mas o judô é a atividade esportiva a que me dedico até hoje. Então, prestei vestibular para as duas faculdades. Passei em seis universidades e só optei pela Comunicação Social na hora da matrícula. Minha intenção era estudar Publicidade e Propaganda e me especializar em Marketing Esportivo. Mudei o rumo quando comecei a trabalhar para um jornal local, ainda no segundo ano da faculdade. Naquela época, minha irmã tinha acabado de se formar em Jornalismo e eu não conseguia imaginar dois jornalistas na família (risos). Minha família sempre me apoiou e sei que meus pais têm muito orgulho das minhas escolhas e do que eu já fiz até agora. Mas eu quero mais. O jornalismo hoje para mim é mais do que um trabalho. Adoro o que faço e estou sempre em busca de novas formas de contar histórias.

Seu primeiro trabalho em Comunicação Social foi no Diário de Suzano. Confere? Em que ano você se formou? De que maneira a UMC contribuiu para a sua formação profissional?

Meu primeiro trabalho foi como estagiário do Instituto de Pesquisas da Universidade de Mogi das Cruzes, criado no ano em que entrei na Universidade, em 1994. Fiquei um ano fazendo pesquisas de campo e aprendendo a tabular, questionar e analisar as amostras. Foi um importante aprendizado e passei a lidar

melhor com números. No ano seguinte, fui trabalhar como um “faz-tudo” em um pequeno jornal de Ferraz de Vasconcelos, na Grande São Paulo, chamado Town News. Foi também um ano inteiro e aprendi muito sobre reportagem e fotografia. No último ano da faculdade, em 1998, entrei para o Diário de Suzano, como editor-assistente do caderno Nacional e fazia também reportagens especiais. Ali foi realmente a minha escola. Convivi com ótimos editores, que me ensinaram muito e me ajudaram a entender melhor a profissão. Em 2000, fui para Curitiba trabalhar como repórter setorista de segurança pública num dos maiores jornais diários do País, o Gazeta do Povo, que infelizmente parou de ser impresso este ano. Eu sempre digo para os jovens, em palestras que dou em universidades, para que aproveitem ao máximo esse período. É quando podemos experimentar, e errar bastante. Para mim, a faculdade é apenas uma ferramenta para a nossa formação. Cabe a nós sabermos utilizá-la bem. Eu via muitos colegas apenas e tão-somente almejando o diploma. Não havia envolvimento total. Eles achavam perda de tempo. Apenas acompanhavam as aulas e entregavam trabalhos. Eu posso dizer que aproveitei muito. Participei de todos os seminários, encontros e congressos que pude. Envolvi-me com projetos acadêmicos extracurriculares. Fazia monitoria de disciplinas nas aulas noturnas – eu estudava de manhã. Ajudei a reabrir o Diretório Acadêmico de Comunicação Social e fiz parte do Diretório Central dos Estudantes. Enfim, eu curti e aproveitei tudo o que pude durante o período de estudante. A UMC abriu as portas das possibilidades e eu me joguei de cabeça e alma. Entrei na faculdade como uma pessoa e posso dizer que saí outra, com muito conhecimento e vontade de vencer na vida.

Quando você se mudou para o Japão, já existia alguma proposta de trabalho ou as oportunidades foram surgindo depois que você havia chegado? Como foi sua adaptação à terra de seus antepassados? Tem algum evento pitoresco que você gostaria de contar sobre esse processo de adaptação?

Vim para o Japão já com uma proposta de trabalho. Estava bastante estressado com o trabalho na Gazeta do Povo, em Curitiba. Adorava aquilo, mas era bastante estressante. Sofria muitas ameaças, afinal trabalhava com segurança pública e polícia todos os dias. Cobri rebeliões, sequestros e grandes operações policiais. Minha irmã estava no Japão, assim como toda minha família, e trabalhava

para uma empresa de comunicação que precisava de um editor de esportes. Não tinha muita experiência em esportes, mas, como falei anteriormente, era uma área que eu entendia bastante. Passei pelo processo de seleção e fui trabalhar para esse jornal semanal, chamado International Press, voltado para a comunidade brasileira no Japão. Fiquei lá por seis anos. Depois de passar pela editoria de esportes, fui editor do caderno de comunidade, editor regional e cheguei ao cargo de editor-chefe. Minha chegada ao Japão foi cheia de expectativas, afinal estava indo morar na terra dos meus antepassados. O mais interessante de todo esse processo foi uma descoberta interior. Somente no Japão, eu entendi que, apesar da minha aparência oriental e de ter sido educado dentro da cultura japonesa, eu não era nem um pouco japonês. Descobri no Japão que eu era realmente brasileiro. No Brasil, nós descendentes somos sempre lembrados da nossa origem. Em casa, comíamos muita comida japonesa, participávamos de grupos da colônia japonesa, mas, no fundo, eu sou mesmo brasileiro. O Japão é um país muito distinto de tudo o que conhecemos. Hoje, estou bem adaptado ao país e à cultura. Mas ainda assim me sinto estrangeiro aqui.

Você trabalha para publicações em Português para a comunidade brasileira no Japão. Que gêneros jornalísticos você escreve? Que tipo de informação os brasileiros que moram no Japão têm interesse?

Depois de deixar o jornal International Press, comecei a trabalhar como *freelancer*. Isso foi em 2007. Um dos meus clientes era uma revista de distribuição gratuita, a revista Alternativa, também voltada para a comunidade brasileira no Japão. Fui convidado para trabalhar como editor. Aceitei, sem deixar de fazer os trabalhos *free*. Então, posso dizer que já trabalho com a comunidade brasileira no Japão há mais de 16 anos. Basicamente, o foco das matérias é serviço, ou seja, reportagens que mostram como funcionam as coisas no Japão – como tirar carteira de motorista, como se inscrever no seguro saúde, sobre o sistema educacional japonês, entre outras pautas. Mas também fazemos muita matéria de comportamento, política, educação e saúde. Sempre com o viés de Japão. Se a matéria é sobre saúde, por exemplo, vamos explicar como buscar ajuda no país. Fazemos um trabalho bastante profissional, com um esquema de revistas pagas. Temos colunistas, colaboradores, fotógrafos e correspondentes. Digo isso porque a

imagem que muita gente tem sobre mídia étnica e comunitária é a de um jornal de bairro ou a de um esquema meio amador. Não é. Nossa empresa, afora a revista, mantém um site e um programa jornalístico para redes sociais, além de investir no mesmo segmento em outros idiomas, como o Filipino e o Vietnamita.

Em 2009, você escreveu seu primeiro livro, que conta a história da imprensa brasileira no Japão, pelo projeto Folha Memória, da Folha de S. Paulo. Fale um pouco sobre esse projeto, sobre o conteúdo desse livro.

O projeto Folha Memória foi um concurso promovido pela Folha de S. Paulo e pela Pfizer de incentivo à pesquisa sobre a história do jornalismo brasileiro. A primeira edição foi em 2009 e recebeu 461 projetos, dos quais foram selecionados apenas três, cujos autores ganhariam uma bolsa de seis meses para realizar a pesquisa e escrever o livro. Eu fui um dos premiados com a bolsa, ao lado dos jornalistas Marcelo de Souza Gomes, que escreveu sobre o repórter policial Orlando Criscuolo, e Flavia Péret, que publicou o livro *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. Foi muito intenso e prazeroso o processo todo. Foi meu primeiro livro e tive de passar noites em claro escrevendo, pois além da pesquisa eu continuei trabalhando normalmente. Infelizmente, o projeto não existe mais. Meu tema foi sobre a evolução da mídia brasileira no Japão, que é sem sombra de dúvidas uma das mais organizadas, em comparação com a de outros países onde há muitos brasileiros. Na época em que fiz a pesquisa, no auge da comunidade brasileira no Japão, tínhamos duas emissoras de tevê – Globo e Record –, rádios, jornais semanais e revistas gratuitas – mais de 50 títulos. Hoje, esse mercado encolheu bastante, devido aos avanços da tecnologia, mas ainda temos muitas revistas e retransmissão das duas tevês que citei acima, além de algumas webrádios. A queda na mídia étnica aqui não somente acompanhou a tendência mundial, mas principalmente ocorreu porque a comunidade brasileira no Japão diminuiu bastante após a crise econômica de 2008 e 2009, que fez com que mais de 100 mil conterrâneos se debandassem de volta para o Brasil.

Você atua como editor-chefe na revista Alternativa. Que tipo de publicação é essa? Qual a proposta? É uma revista alternativa a quê?

A revista Alternativa é a mais popular e maior publicação em Português da Ásia. São duas edições mensais, com 37 mil exemplares cada. Temos ainda um

website e um noticiário ao vivo, transmitido pelas redes sociais. Na revista eu coordeno o trabalho da equipe editorial. São colaboradores, colunistas, fotógrafos e correspondentes. A proposta da revista é ajudar a comunidade brasileira a se adaptar ao Japão e também formar cidadãos mais conscientes de seus deveres e direitos, visto que estamos em um país que não tem ainda uma política imigratória. Então, é nosso trabalho sermos porta-vozes de reivindicações e propagadores de informações importantes no que se refere aos estrangeiros que vivem no Japão. A revista completou em maio deste ano 16 anos de existência. Ela surgiu como uma “alternativa” para a rede de empresários brasileiros divulgar produtos e serviços para a comunidade. Ou seja, ela nasceu como um caderno de classificados. Mas, aos poucos, foi mudando o foco e, por ser gratuita e investir em conteúdo, tornou-se referência em termos de mídia étnica para a comunidade brasileira.

Você é também repórter da NHK World Rádio Japão. Na condição de brasileiro, como chegou a uma empresa estatal japonesa?

Na NHK eu tenho contrato desde 2008. Sempre fui repórter, mas em 2016 passei também a apresentar um programa de variedades em Português, no qual a gente interage com os ouvintes, por meio da leitura de cartas e mensagens, e respostas às perguntas. A NHK World Rádio Japão possui serviço em dez idiomas, transmitido para o mundo todo. Agora em 2017, completou 82 anos de fundação. O serviço em Português, para o qual trabalho, já tem 79 anos. Anualmente há um processo de seleção de interessados. Eu, na verdade, não passei pelo processo. Fui convidado por um dos chefes para fazer *freelancer* como repórter e, desde então, continuo na emissora. Atuar em rádio nunca foi uma opção de trabalho dentro do Jornalismo para mim, mas, depois que comecei a fazer, descobri que é uma área muito interessante. Hoje, adoro fazer reportagens de rádio. Também fiz por um tempo alguns trabalhos para a Rádio França Internacional, também estatal.

Você atua ainda como correspondente da BBC Brasil no Japão. Quais são as demandas desse ofício? Que pautas são mais solicitadas?

Na BBC Brasil eu também comecei em 2008, como *freelancer*. Hoje, meu trabalho continua *free*, mas tenho prioridade nas pautas de Japão. Ou seja, outros jornalistas também podem contribuir com a BBC Brasil, mas quando querem uma pauta específica eles me procuram primeiro. A BBC Brasil mudou bastante nestes

anos. Atualmente, as matérias são mais analíticas, afinal não dá para concorrer com as agências de notícias, que têm dezenas de correspondentes em todos os continentes. Escrevo muito sobre economia, política, comportamento, cultura e matérias relacionadas aos brasileiros que vivem no Japão. Mas, além da BBC Brasil, NHK World Rádio Japão e revista Alternativa, eu tenho uma coluna periódica no jornal Folha de S. Paulo, para a qual faço algumas matérias, e escrevo para revistas brasileiras. Já fiz textos para a grande maioria dos títulos publicados no Brasil – alguns já nem existem mais –, como Capricho, Cláudia, Viagem e Turismo, Veja, Status, Made in Japan, Quatro Rodas, além de sites e revistas customizadas de empresas. Afora o trabalho como repórter, atuo aqui também como produtor / *fixer*, produzindo conteúdo para programas de tevê, documentários e seriados.

Como se todas essas atividades não bastassem, você ainda mantém um blog bilíngue, Português-Inglês, uma espécie de revista de variedades com notícias sobre o Japão. Que público você atinge com esse blog? Você procura conhecer o perfil de seus leitores?

Meu blog, confesso, está bastante parado. Escrevo blogs desde 2005, mais ou menos. Já “bloguei” para o portal G1, para a Editora Abril e, desde 2009, mais ou menos, passei a escrever meu próprio blog, que já mudou duas vezes de endereço. Agora, posto basicamente coisas interessantes sobre o Japão e divulgo meu trabalho. Faço o mesmo no Facebook, no Twitter e no Instagram.

Apesar de trabalhar muito e para além de seu interesse pela vida no Japão, você tem acompanhado as notícias do Brasil? A partir da visão de quem vive no outro lado do mundo, de que maneira você avalia os fatos históricos recentes de nosso país?

Acompanho de perto as notícias do Brasil, principalmente porque minha família toda vive aí. Como jornalista, sei que não devemos confiar 100% no que é publicado pela mídia, infelizmente. Existe, sim, muita manipulação e filtros. Mas procuro ler tudo o que sai e também ouço a opinião dos meus familiares e amigos para poder tirar minhas conclusões. O Brasil passa por um processo de mudanças políticas, econômicas e sociais. Vejo que, infelizmente, o brasileiro ainda não sabe cobrar por seus direitos. Quando se vive em um país de primeiro mundo, passamos a entender que o nível de exigência do brasileiro é muito baixo. Ficamos contentes

com pouco, e não deveria ser assim, visto que o Brasil é um país de muitos recursos e grandes possibilidades. Na minha visão, o Brasil só vai melhorar a partir do momento em que investir pesado em educação, que foi o que o Japão fez no pós-Guerra. O país era paupérrimo, saiu desgastado da Segunda Guerra e cheio de problemas sociais. Em poucos anos, virou o jogo, graças a investimentos maciços em educação. Outro exemplo é Singapura, que saiu da pobreza para se tornar o principal tigre asiático e potência mundial. Então, acredito que o Brasil esteja nesse processo de mudança. Mas é preciso mais participação da população para que a metamorfose aconteça mais rapidamente e a borboleta saia logo do casulo.

Mudando de assunto, sabe-se que, tanto do ponto de vista ideológico quanto tecnológico, o jornalismo vem-se transformando muito rapidamente a partir do início deste século. Que diferenças você apontaria entre o modo como o jornalismo é praticado nos dias de hoje e o daquele praticado no tempo em que você se formou, em 1998?

A grande mudança no jornalismo do final da década de 1990 em comparação com os dias atuais foi o surgimento das redes sociais. O lado bom é que a notícia – os fatos mais importantes e também aqueles acontecimentos locais – chega muito mais rapidamente às pessoas. Eu peguei a fase de crescimento da internet. Até minha adolescência, o jornal impresso tinha poder muito grande, pois era através dele que podíamos ter mais detalhes de uma notícia que havia sido veiculada no telejornal da noite anterior, por exemplo. Poderia haver manipulação das informações? Sim, com certeza. Mas tínhamos um jornalismo como personagem do cotidiano. Com o desenvolvimento da internet e das redes sociais, ficou muito mais fácil e rápido difundir uma informação. O lado ruim é que qualquer pessoa passou a exercer a função do jornalista. Com isso, o mercado perdeu status e, conseqüentemente, dinheiro. Ficou muito mais difícil lucrar com jornalismo. Por isso, vemos, ano após ano, muitas das grandes empresas fecharem revistas, jornais e demitirem dezenas de profissionais. O conteúdo criado para as redes sociais, muitas vezes, é feito por pessoas sem a mínima experiência em jornalismo. Muitos até o fazem de forma profissional e ética, mas grande parcela não sabe lidar com a informação corretamente. Em muitos casos, as notícias veiculadas por essas redes sociais não são apuradas da forma como deveriam, não há preocupação com a

ética, há um excesso de juízo de valores e um julgamento coletivo dos personagens das histórias. O jornalismo entrou num caminho sem volta e, se nada for feito pelas grandes corporações de mídia, entraremos no caos em se tratando da forma de se trabalhar a comunicação social.

Você falou do jornalismo impresso e das redes sociais. E a rádio? Como você vê a evolução desse veículo a partir do desenvolvimento da internet?

A rádio é um dos meios de comunicação mais antigos e teve de se reinventar após o surgimento da tevê e depois da internet. Agora, com *smartphones* e redes sociais, a rádio ganhou fôlego. Hoje, é possível ouvir programas de rádio *on-demand*, foram criados os *podcasts*, há muito mais interatividade com os apresentadores e, mais ainda, a rádio é a única forma “segura” de se obter informação enquanto se dirige um carro, por exemplo. No Japão, um país suscetível a terremotos, é somente através dela que temos informações num momento de catástrofe, pois a energia elétrica é cortada. Todo mundo aqui tem um rádio – ou deveria, pois o governo sempre faz campanha para que tenhamos à mão o kit terremoto, na composição do qual um dos itens sugeridos é o rádio de pilha. Como apresento um programa que permite a interação com os ouvintes, fico espantado de ver a quantidade de pessoas que ainda acompanha a transmissão via ondas curtas. São pessoas, em geral, do interior, que fazem parte de clubes de radioamadores, que gostam de ouvir rádio ou que curtem o Japão. E não temos apenas ouvintes do Brasil. Recebemos cartas de vários países, afinal a NHK World Rádio Japão é transmitida em 18 idiomas para o mundo todo. Então, acho que a rádio é um meio de comunicação que deve resistir ao tempo e vai se reinventar sempre.

Alguns críticos sociais da atualidade falam a respeito do surgimento de um fenômeno recente no mundo das comunicações ao qual dão o nome de “infotimento”. Segundo esses pensadores, o infotimento seria uma forma de abordagem dos fatos jornalísticos por meio do uso de linguagens voltadas para fazer com que a informação noticiosa possa competir pela audiência de igual para igual com o universo dos entretenimentos. Essa técnica consistiria tanto na maneira de construir textos com apelos cada vez mais sensacionalistas, de modo que a repetição exaustiva dos mesmos fatos ganhe destaque, quanto na forma de editar em um mesmo suporte matérias

relevantes sobre política, economia, saúde, educação, por exemplos, e conteúdos considerados triviais, como fofocas sobre celebridades, comportamentos, modismos passageiros, erotismo descontextualizado, entre outros. Como você vê essas novas características?

Eu acho que o mundo atual pede esse tipo de cobertura. As pessoas têm menos tempo para investir na leitura de um jornal, por exemplo, ou ainda sentar em frente à tevê para assistir ao telejornal. Elas querem informações rápidas e, de preferência, de forma fácil de ser absorvida. A fórmula encontrada pelas empresas foi investir em conteúdo que possa ser facilmente divulgado e compartilhado nas mídias sociais ou que gere muitos comentários e visualizações. É uma tendência. O problema é quando essas empresas se preocupam mais com a exterioridade da notícia do que com a apuração e também quando esses temas e produções efêmeras se sobrepõem ao conteúdo mais sério, como o de política e de economia, que contextualizam e questionam os fatos. Vejo um problema quando as pessoas passam a achar que tudo isso é notícia. Um caso famoso, e que virou piada, foi quando noticiaram que o cantor e compositor Caetano Veloso havia estacionado o carro numa rua do Leblon, no Rio de Janeiro. Rimos hoje, mas na verdade deveríamos nos preocupar. Que tipo de repórter estamos formando nas redações? E mais ainda: qual editor que permite que um texto desses seja publicado?

Você acredita que a imprensa contemporânea tenha atuado mais no sentido de ser uma espécie de porta voz de órgãos institucionais, à mercê dos jogos de interesse de grande corporações, ou seja, transformou-se naquilo que se costuma chamar de “jornalismo chapa branca”, em vez de investir de maneira efetiva no jornalismo investigativo, voltado para a denúncia de fatos do interesse público?

Acredito, sim. Recentemente, tive a oportunidade de conversar com uma profissional italiana, a Alessia Cerantola, famosa no mundo do jornalismo investigativo. Ela fundou a Investigative Reporting Project Italy (IRPI) e está sempre no Japão, onde desenvolve pesquisas junto à Universidade Waseda, em Tóquio. Conversamos justamente sobre o futuro do jornalismo e sobre como a mídia em geral passou a ser utilizada de forma indiscriminada – e descarada – por empresas e governo para divulgar seus interesses. No caso do Brasil, sabemos que grande

parte da mídia é controlada por famílias e existe todo um esquema por trás das corporações. É muito triste, mas é a realidade. Existe pouco ou nenhum espaço para o jornalismo investigativo ainda. No entanto, a gente imagina que isso aconteça mais comumente em países subdesenvolvidos. Ledo engano. No Japão também há controle e manipulação da mídia e, talvez, de forma muito mais impiedosa. Em maio deste ano, o Conselho de Direitos Humanos da ONU divulgou um relatório especial sobre a liberdade de expressão no Japão, por meio do qual alerta para o fato de que o governo japonês faz pressão sobre a mídia e recomenda que as leis sejam revistas para garantir a independência. O governo japonês, claro, manifestou insatisfação com o relatório, dizendo que há erros de análise das informações sobre a realidade japonesa e que o conteúdo deve ser revisto. O grande problema aqui no Japão é a existência de clubes de imprensa. Todo órgão do governo e também algumas corporações privadas possuem esses grupos, que têm como objetivo ajudar a imprensa no seu trabalho. Mas, na verdade, funcionam como um filtro do que vai ser publicado na imprensa, pois somente quem paga a anuidade, ou mensalidade, pode ter acesso às informações. O que acontece é que somente as grandes empresas jornalísticas pagam e, por isso, têm acesso privilegiado a informações que, na verdade, já passaram pelo filtro do governo. Quase não há furos de reportagem e vemos poucas matérias criticando o governo. No ano passado, duas emissoras de tevê ganharam os holofotes quando se descobriu que os âncoras de dois telejornais foram demitidos por terem feitos críticas ao governo. As empresas e o governo negam, claro. Mas, como eu disse antes, esse problema não é privilégio de um ou outro país. O jornalismo está numa fase de mutação e é preciso ficar atento para que a essência não se perca. O jornalismo investigativo é dispendioso, precisa-se de tempo para trabalhar uma pauta e envolve muitos profissionais, às vezes. As redações, cada vez mais enxutas, não dispõem de tempo e nem dinheiro para investir nessas reportagens. Entretanto, a luz no fim do túnel são as *startups* e os órgãos que financiam projetos de jornalismo investigativo, como por exemplo o grupo criado pela italiana Alessia, que mencionei há pouco.

Sabe-se que Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese foram alguns dos expoentes do chamado Novo Jornalismo, prática iniciada nos EUA na década de 1960, por meio da qual se investiga com os instrumentos de

repórter e relata-se com os recursos da ficção. No mercado editorial no Brasil, vem ganhando destaque na última década um gênero de texto conhecido como livro-reportagem, que possibilita abordagem mais aprofundada e interpretativa dos fatos considerados importantes para determinados tipos de público. Não é uma tradição propriamente nova. Já desde Euclides da Cunha, que narra em *Os sertões* o desenrolar do massacre ocorrido em Canudos, passando por escritores como Fernando Morais, Caco Barcelos, Eliane Brum, entre outros, que o gênero vem ganhando adeptos. Qual sua experiência com esse tipo de publicação? O fenômeno também é verificado no Japão?

Um dos meus ídolos no jornalismo mundial é Gay Talese e, desde o fim da faculdade, tenho estudado, pesquisado e investido tempo para melhorar meus textos no estilo do jornalismo literário. Quando assumi o cargo de editor-chefe na revista Alternativa, produzi um manual de redação e fiz alguns *workshops* com os repórteres e colaboradores para falar sobre o jornalismo literário. A maioria dos profissionais que trabalha comigo vem de experiência em jornais ou sites de notícias que pediam textos mais diretos e simples. Na revista, temos mais espaço e tempo para produzir matérias com um toque literário. Passei a investir tempo na edição, com muita conversa com os repórteres, antes, durante e após a apuração e produção dos textos. Sou fascinado por esse gênero e, inclusive, no livro que escrevi para o projeto Folha Memória, minha grande inspiração foi o livro *Fama e anonimato*, de Gay Talese, publicado pela Cia das Letras. Aqui no Japão, muitas revistas e mesmo alguns jornais trabalham mais o textos, mas ainda é pouco.

Para finalizar, você gostaria de mandar algum recado, dar alguma dica, para os atuais estudantes de Jornalismo e de outras áreas da UMC?

Uma pergunta que sempre me fazem é: como se destacar no mercado de trabalho e conseguir uma vaga na grande mídia? O segredo é simples: dê o seu melhor, não desista nunca e duvide sempre. Pode parecer uma resposta genérica e com um tom de autoajuda. Mas a verdade é que vejo muitos profissionais bons, que não conseguem deslanchar na profissão porque desistem fácil e se preocupam mais com pagamentos e status do que com o propósito final do jornalismo em si. Sempre que pego uma pauta, mesmo que eu não goste do tema ou não tenha afinidade com o assunto, dou o meu melhor, pensando nos leitores. Por que aquele assunto é tão

relevante? O que o leitor gostaria de saber sobre ele? Já ouvi muito a frase: “não escrevo sobre determinado assunto” ou “não domino este tema”. O bom jornalista é aquele que não sabe nada e pergunta tudo. Afinal, se soubéssemos tudo, não precisaríamos entrevistar ninguém. E outra, não é nossa função – a não ser que você seja colunista ou articulista – dar opinião sobre as coisas. Eu sempre me pergunto, ao apurar uma matéria, se eu consegui ouvir todos os lados, se não estou prejudicando ninguém e se aquilo que levantei é o suficiente para escrever meu texto. Realmente, sei que não é fácil conseguir uma vaga na grande mídia. Mas quem for realmente bom e quiser mesmo trabalhar nessas empresas, com certeza, irá conseguir. É muito comum eu ouvir, por exemplo, quando faço uma matéria de viagem ou de gastronomia, que tenho vida boa e a profissão dos sonhos. Mas ninguém pensa no quanto eu batalhei para conseguir chegar até aqui o quanto é difícil escrever um bom texto. Comer viajar é a parte boa e fácil. Mas existe todo um trabalho antes e depois que ninguém vê. Minha resposta para essas pessoas que pensam que tenho a vida fácil é: “estudei e ralei justamente para isso”.